

# Meta de inflação será ampliada

## Governo vai rever projeção para 2003 e aumentar espaço para queda nos juros básicos

Sergio Fadul e Luciana Rodrigues

BRASÍLIA e RIO

A equipe econômica vai aumentar a meta para a inflação do ano que vem, o que dá um pouco mais de folga ao sucessor do presidente Fernando Henrique Cardoso e também abre espaço para que o Banco Central possa reduzir as taxas básicas de juros ainda este ano.

Hoje, a meta para a inflação medida pelo IPCA em 2003 é de 3,25%, com tolerância de dois pontos percentuais para cima ou para baixo — ou seja, pode ir a 5,25% no ano. O novo percentual já está sendo discutido pelo governo e deve ser decidido na reunião do Conselho Monetário Nacional (CMN), marcada para amanhã, quando será anunciada também a meta para 2004.

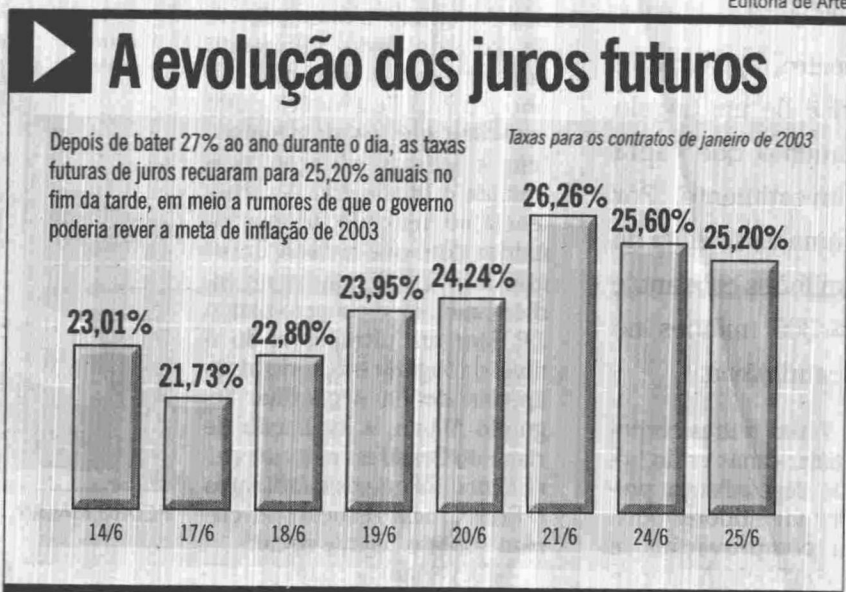
Segundo membros da equipe econômica, ao definir a meta para 2004, o CMN terá que discutir a trajetória da inflação até lá. A conclusão dos técnicos é de que será preciso incorporar nas projeções os choques recentes de alguns preços, como o dos derivados de petróleo e tarifas

públicas, já que a meta de 3,25% foi estabelecida em junho do ano passado. Ao atualizar os cálculos, o índice para a inflação de 2003 terá que ser maior.

Com o aumento na meta para a 2003, o BC ganha margem para reduzir as taxas de juros já neste ano. O impacto de mudanças como esta nos juros demora cerca de quatro meses para ser totalmente assimilado pela economia e, por isso, havia a preocupação de que uma queda nas taxas a partir de agosto pudesse comprometer o cumprimento da meta de inflação de 2003.

Agora, as taxas de juros poderão cair mais rapidamente. A nova meta de inflação para 2003 é um compromisso assumido pelo governo e não faz parte do acordo com o FMI, que acaba em setembro deste ano.

A revisão nas metas de inflação já era comentada no mercado financeiro no fim da tarde de ontem. Esses rumores tiveram forte impacto nas taxas futuras de juros nos negócios entre bancos. As taxas, que chegaram a bater 27% ao ano nos contratos para janeiro, recuaram com força e fecharam a 25,20%,



em ligeira queda em relação à véspera. Com a expectativa de uma meta mais folgada para a inflação, o mercado acredita que o BC poderá reduzir a taxa básica de juros Selic, hoje em 18,50% ao ano.

Mas enquanto os juros futuros caíam, os outros mercados viviam ontem mais um dia de mau humor. Depois da trégua de segunda-feira, o

dólar comercial voltou a subir com força, mesmo depois de uma atuação do BC, que realizou leilões para empréstimos da moeda americana. O dólar, que chegou a recuar 0,40% logo após o anúncio dos leilões, fechou em alta de 1,55%, a R\$ 2,823 para venda.

O BC ofereceu US\$ 300 milhões em duas linhas externas, operação que, na prática, significa um aluguel tem-

porário de dólares aos bancos, com vencimento em julho e agosto. Esse tipo de operação faz parte do pacote anunciado semana retrasada pelo governo para aplacar o nervosismo do mercado. Ao todo, o BC já leiloou US\$ 775 milhões em linhas externas.

A alta do dólar ontem foi motivada, principalmente, por uma piora no risco Brasil, taxa que mede a confiança dos investidores na capacidade de o país honrar sua dívida externa. Em meio a um reduzido volume de negócios com títulos brasileiros, o risco país subiu 7,02%, para 1.631 pontos. A Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) caiu 0,49%.

A crise no mercado financeiro está dificultando a rolagem da dívida de empresas brasileiras no exterior. Segundo dados do BC, a taxa média de renovação este ano está projetada em 65%. Ou seja, de cada US\$ 100 da dívida externa que estão vencendo, as empresas privadas conseguem renovar apenas US\$ 65. A taxa de 65% é semelhante à registrada na crise da Ásia, em 1997.

COLABORARAM: Enio Vieira e Isabel Sobral, do GloboNews.com